

# **História da Filosofia**

## **51 Introdução a Immanuel Kant**

### **Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College**

Bem, começamos hoje uma jornada de duas semanas com Immanuel Kant, e gostaria que a aula de hoje fosse puramente introdutória. Na próxima aula, abordaremos o material da Crítica da Razão Pura, que provavelmente nos ocupará por quatro dias. Depois, teremos um dia dedicado à crítica da razão prática sobre ética e outro dia às suas visões religiosas, algo nesse sentido. Portanto, para apresentá-lo, acho que analisar seu projeto, seu projeto filosófico, em relação ao de seus predecessores será provavelmente tão útil quanto qualquer outra coisa.

A Crítica da Razão Pura, sua obra mais conhecida, extensa e complexa, foi publicada em 1781. Assim como David Hume, ele sentiu a necessidade de apresentar, também, uma visão mais acessível do mesmo tema, e por isso, cerca de 10 a 15 anos depois, lançou os Prolegômenos a Qualquer Metafísica Futura. Agora, vamos entender esse título. Primeiramente, Prolegômenos.

Ora, se você já ouviu a história dos elefantes, pode imaginar algo. A história é sobre pessoas de diferentes origens que escreveram livros sobre elefantes. O inglês escreveu uma introdução ao tema, em um único volume e capa dura, bastante formal.

O americano, um resumo sobre elefantes; o francês, um livro ilustrado sobre a vida amorosa dos elefantes; e o alemão, uma obra em três volumes intitulada "Prolegômenos para o Estudo do Elefante". Bem, esta é a sua obra "Prolegômenos para Qualquer Metafísica Futura". Agora, entenda o ponto principal, mais importante, da metafísica.

Porque, na verdade, David Hume tornou-se cético em relação a qualquer conhecimento metafísico, qualquer conhecimento sobre a natureza da realidade. Tudo o que sabemos são aparências, fenômenos e, além disso, é uma questão de, na melhor das hipóteses, crença. Assim, é à luz do ceticismo metafísico de Hume que Kant define seu projeto como Prolegômenos a Qualquer Metafísica Futura.

Ou seja, à luz de Kant, quais são as perspectivas para a metafísica? Sim, senhor. Ele é explícito sobre essa orientação na introdução aos Prolegômenos a Qualquer Metafísica Futura. Então, vou ler um pouco disso.

Desde os ensaios de Locke e Leibniz, você se lembra do ensaio de Locke sobre o entendimento humano e dos novos ensaios de Leibniz sobre o mesmo tema. Desde esses ensaios, ou melhor, desde a origem da metafísica, até onde sabemos de sua história, retrocedendo ainda mais no tempo, nada jamais aconteceu que pudesse ter

sido mais decisivo para o seu destino do que o ataque de David Hume. Ele não lançou luz sobre esse tipo de conhecimento, mas certamente acendeu uma faísca que poderia ter alimentado a chama, caso tivesse encontrado alguma substância inflamável e seu fogo latente tivesse sido cuidadosamente nutrido e desenvolvido.

Hume partiu de um único, porém importante conceito em metafísica, a saber, o da conexão entre causa e efeito, incluindo seus derivados como a força. Ele desafiou a razão, que pretende ter dado origem ao próprio conceito de causa e efeito, a responder-lhe com que direito ela acredita que algo possa ser constituído, de modo que, se esse algo for postulado, outra coisa necessariamente o postule à luz da causa e efeito. Essa não é uma má síntese do trabalho de Hume.

E ele continua na página seguinte, dizendo que, por mais precipitada e equivocada que a inferência de Hume possa parecer, ela ao menos se baseava em investigação. Mas Hume sofreu o infortúnio comum aos metafísicos. E leve isso em consideração se você pensa em se dedicar à metafísica: o risco de não ser compreendido.

É realmente doloroso ver como seus oponentes, Thomas Reid, Oswald, BD e outros dois realistas escoceses, erraram completamente o alvo. Pois, enquanto davam como certo aquilo que Hume duvidava e demonstravam com zelo, muitas vezes com impudência, aquilo que ele jamais cogitara, interpretaram tão mal sua valiosa sugestão de que tudo permanecia em seu estado anterior, como se nada tivesse acontecido. A questão não era se o conceito de causa era correto, útil ou indispensável.

É claro que Hume pensava assim. Mas será que esse conceito poderia ser pensado pela razão a priori, independentemente da experiência? Será que possuía uma verdade intrínseca independente da experiência?

Esse era o problema de Hume. Tratava-se unicamente de uma questão relativa à origem, e não à necessidade, do conceito. Bem, ele prossegue apontando que o apelo ao senso comum feito pelos realistas escoceses não é, de fato, suficiente.

Ele afirma que possuir bom senso é, de fato, uma grande dádiva de Deus. Mas esse bom senso deve ser demonstrado em ação por meio de pensamentos bem ponderados e razoáveis, e não apelando a ele como um oráculo quando nenhuma outra justificativa racional para a própria posição puder ser apresentada. E assim, ele chega ao seu projeto à luz disso.

Portanto, questione-me inicialmente se a objeção de Hume não poderia ser formulada de maneira geral e logo descobri que o conceito de causa e efeito não era de modo algum o único conceito pelo qual o entendimento pensa as coisas a priori, mas sim que a metafísica consiste inteiramente em conceitos a priori. Procurei determinar o número deles. E você descobrirá que ele pensa em doze.

Mas, quando obtive sucesso satisfatório nisso, partindo de um único princípio, prossegui deduzindo esses conceitos, dos quais agora tinha certeza que não derivavam da experiência. Procedi à dedução da mesma forma que Hume tentara derivá-los, mas descobri que brotavam do entendimento puro. Assim, na prática, ele tentará responder a Hume dizendo que o conceito de causa e efeito, sobre o qual o ceticismo se desenvolveu, juntamente com outros conceitos metafísicos básicos, afinal, não são derivados empiricamente, mas, em certo sentido, a priori.

E mais tarde, ele continua dessa maneira. A metafísica se ocupa propriamente de proposições sintéticas a priori. Proposições a priori.

E ele conclui seu preâmbulo com esse floreio retórico. Até Kant é capaz de um floreio retórico. Todos os metafísicos estão, portanto, solenemente e legalmente suspensos de suas ocupações até que tenham respondido adequadamente à pergunta: como são possíveis proposições sintéticas a priori? Certo? A resposta contém as únicas credenciais que eles devem apresentar quando tiverem algo a oferecer em nome da razão pura.

Mas se eles não possuírem essas credenciais, não podem esperar nada menos de pessoas razoáveis que foram enganadas tantas vezes do que serem demitidas de suas profissões sem maiores questionamentos. Portanto, ele está pronto para demitir todos os metafísicos que não conseguirem apresentar justificativas para não permanecerem em seus cargos. Bem, seu projeto é, portanto, crucial.

Ele reconhece que, à luz do ceticismo de Hume, a própria possibilidade de se fazer metafísica está seriamente em questão. Portanto, se houver alguma possibilidade de metafísica no futuro, qualquer metafísica futura, então é necessário, por meio de prolegômenos, estabelecer que tais conceitos metafísicos são a priori. Certo? É isso que ele está tentando fazer.

E creio que podemos abordar isso analisando sua própria terminologia. Trata-se da terminologia que ele desenvolve na introdução à crítica da razão pura. Esse material encontra-se na antologia, das páginas 367 a aproximadamente 377. Não estou sugerindo que a introdução seja apenas terminologia, mas acredito que a terminologia que ele apresenta oferece uma porta de entrada para um panorama muito mais amplo.

Então, vejamos isso. Ele faz uma distinção logo de início entre três filosofias: dogmática, cética e crítica.

Agora, você não terá dificuldade em identificar quem ou o que ele tem em mente, sendo cético. David Hume. Sim.

A filosofia dogmática, no entanto, é a filosofia dos primeiros metafísicos. Aqueles que fizeram afirmações metafísicas dogmáticas sem examinar os fundamentos. Portanto, ele certamente tem em mente a tradição racionalista continental.

Você se lembra do nosso diagrama onde temos o racionalismo continental de Descartes, Spinoza e Leibniz? Cada um deles está desenvolvendo seu próprio sistema metafísico usando a metodologia de Descartes. Tentando afirmar que existem certos princípios axiomáticos fundamentais a partir dos quais tudo o mais pode ser deduzido.

Ora, isso é metafísica dogmática. Por outro lado, temos, num estágio anterior, pessoas como Locke que também parecem acreditar que o conhecimento metafísico é possível, embora com base empírica. E Berkeley, claro.

E suas conclusões metafísicas também se qualificariam como dogmáticas. Então, temos David Hume, o cético, e os filósofos dogmáticos. Devemos dizer que, embora Leibniz estivesse presente no século XVIII, havia muita filosofia metafísica em desenvolvimento no século XVIII, antes de Kant.

De modo que houve sucessores de Leibniz no racionalismo alemão do século XVIII. E foi com essas pessoas que Immanuel Kant estudou. Portanto, ele foi formado na tradição racionalista que surgiu da revolução metodológica de Descartes, entende?

Agora, ele nos conta que foi despertado desse torpor dogmático pela leitura de David Hume. Esse torpor dogmático consiste nas afirmações metafísicas acríticas desse tipo de sistema. E certamente Hume deveria despertar essas pessoas.

Assim, quando ele se aventura em seu próprio projeto, seu projeto é a filosofia crítica. Ou seja, ele busca examinar as condições que tornariam a metafísica possível, criticando os fundamentos epistemológicos da metafísica.

Uma crítica, nesse sentido. Portanto, sua principal obra, que ele está nos apresentando agora, chama-se, como vocês podem notar, uma crítica. Filosofia crítica.

Uma crítica à razão pura. Pura, isto é, a priori, sem qualquer contribuição empírica. Portanto, ele está tentando analisar criticamente as possibilidades que residem na razão pura.

Razão independente da experiência. Possibilidades para a metafísica. Uma crítica da razão pura.

Relativo ao conhecimento metafísico. E à abordagem tradicional do conhecimento metafísico. Então, digamos, relacionado ao conhecimento metafísico tradicional.

Agora, você verá que, além dessa primeira crítica em 1781, ele apresentou, um pouco mais tarde, uma segunda crítica: uma crítica à razão prática. Ora, o terceiro termo, razão prática, desde Aristóteles, refere-se ao pensamento ético.

Portanto, esta crítica não se dirige ao conhecimento metafísico, mas sim ao conhecimento moral. Lembrem-se de que, nessa tradição metafísica, defendia-se que o conhecimento moral era tão dedutível das primeiras verdades quanto o conhecimento metafísico. John Locke acreditava que, pelo menos em princípio, deveríamos ser capazes de derivar o conhecimento moral da mesma forma que obtemos o conhecimento matemático.

Dedutivamente. A partir de princípios intuitivos ou algo assim. Ou a partir do nosso conhecimento da natureza humana.

No caso da moral. E David Hume, no primeiro capítulo de sua obra "Investigação", como vocês se lembram, distingue entre filosofia abstrata e filosofia prática. Enquanto a filosofia abstrata trata da metafísica, a filosofia prática trata da filosofia moral.

E a expressão "filosofia moral" não se referia apenas à ética, mas também à teoria política e a tudo o que tivesse aplicação à ação humana. Portanto, uma crítica à razão prática é, então, uma crítica ao estatuto epistemológico do conhecimento moral. E, posteriormente, ele elaborou uma terceira crítica.

Esta foi uma crítica ao juízo. E isso tem a ver com juízo estético. Conhecimento estético.

Tanto em relação à natureza, onde fazemos todo tipo de julgamento sobre a ordem. Veja bem, a ordem da natureza era o que a mente científica do século XVIII defendia. Era algo em que estava completamente convicta.

A ordem da natureza. A beleza da natureza. Ou seja, o juízo estético em relação à natureza.

E no que diz respeito às obras de arte. Ora, o conhecimento estético foi comparado ao conhecimento moral por David Hume e por alguns filósofos do senso moral. Entende? Então, tendo tratado do conhecimento moral, ele agora chega a este outro, o conhecimento estético.

levanta questões. E, em cada caso, o que ele está observando, ou tentando observar, são as pré-condições que tornariam possíveis os juízos de conhecimento. As pré-condições para a própria possibilidade do conhecimento moral.

Do conhecimento estético. E do conhecimento metafísico. Ora, você pode notar isso antecipando que a crítica da razão pura chega à conclusão de que não há possibilidade de conhecimento metafísico no sentido tradicional que envolve objetividade e certeza lógica.

A certeza dogmática em matéria de metafísica não é possível. E isso se aplica às três áreas da metafísica que eram dominantes em sua época. Elas dividiam, na tradição racionalista alemã, a metafísica em três partes.

Christian Wolf. Um deles dividiu isso em psicologia filosófica e cosmologia filosófica.

E teologia filosófica. Tratando, obviamente, da mente, da natureza e de Deus. Claro que, depois de abordar esses três temas, não sobra muito mais o que discutir.

Natureza, mente e Deus. Portanto, é bastante abrangente. Assim, suas conclusões sobre teologia natural, teologia baseada apenas na razão, são negativas.

Ele critica os argumentos a favor da existência de Deus por falta de pré-condições adequadas que a tornem possível. Mas eis o ponto interessante que ele sugere, argumenta, que a crença metafísica é possível com base, sim, em alguns elementos da abordagem tradicional da metafísica, mas também com base no conhecimento moral e estético. É, portanto, com base nesse e nesse outro fundamento que desenvolvemos, apropriadamente, crenças metafísicas.

Assim, mais uma vez, temos a distinção entre conhecimento e crença. Kant critica a possibilidade do conhecimento metafísico e da certeza lógica. Mas, em todas as três críticas, ele conclui que existe uma base para certas crenças metafísicas, incluindo a crença em Deus.

Então, esse é o panorama geral. Agora, precisamos acrescentar que seu desejo de tornar isso acessível levou a versões mais legíveis e concisas dos dois primeiros textos. Portanto, a versão concisa do primeiro é o que acabei de ler para vocês, o prolegômeno de qualquer metafísica futura.

E a versão mais concisa da crítica da razão prática são os fundamentos metafísicos da moral. E, tipicamente, a seleção sobre o imperativo categórico de Kant na ética, que lemos em cursos introdutórios, vem dos fundamentos metafísicos da moral. Então, esse é o panorama.

Ele também realizou um trabalho específico sobre religião chamado "Religião Dentro dos Limites da Razão Apenas". Nele, você pode ver que ele questiona as possibilidades do conhecimento religioso independentemente da revelação. Que tipo de conhecimento de Deus obtemos dessa forma? Certo.

Teremos algo a dizer sobre tudo isso. Esses trabalhos serão abordados nas próximas semanas. Ok, alguma pergunta ou comentário? Tudo isso em referência ao que ele entende por filosofia crítica. Afinal, se a filosofia crítica é o projeto dele, é preciso falar sobre o projeto dele como um todo, entende?

Quem eu vi? Sim. Você disse que as crenças metafísicas dele se baseiam no conhecimento moral e no conhecimento estético. Principalmente nesses dois, ou o primeiro também entra em jogo? O primeiro também entra, por isso tenho essa seta apontando para baixo.

A conclusão dele, e temos um trecho dela na antologia, é a conclusão dele para a primeira crítica, que na verdade não, só temos conhecimento das aparências, dos fenômenos. Mas, por outro lado, por razões práticas, somos obrigados a acreditar, entende? É um pouco mais do que uma psicologia da crença.

Mas, novamente, ele está apelando para o que Hume e os realistas escoceses chamam de propensões da mente humana. Veja bem, as propensões da mente humana. Portanto, todos os três contribuem para as crenças metafísicas.

O problema é que, assim como aconteceu com Hume, as pessoas às vezes leem apenas as quatro primeiras seções, consideram Hume um cético e depois se esquecem do que vem depois; com Kant, elas leem suas conclusões negativas e ignoram o restante. Entende? Mas a conclusão de Hume, assim como a conclusão de Hume trata da crença, a conclusão de Kant também trata da crença.

De fato, há um trecho em seu prefácio à primeira crítica em que ele diz que teremos que descartar o conhecimento para dar lugar à crença. Descartar o conhecimento para dar lugar à crença. Veja bem, o que ele está fazendo, se quisermos retomar a linha divisória de Platão, é estabelecer essa distinção rígida entre os dois.

Veja bem, hoje em dia pensamos no conhecimento apenas como um subconjunto de crenças. Crenças que atendem a certas condições. Mas, desde Platão até Kant, não, são duas coisas muito distintas.

O conhecimento envolve a percepção direta de algum tipo, resultante da dialética ou da intuição sobre o que é axiomático, autoevidente, ou então o conhecimento demonstrativo a partir de tais princípios fundamentais. Veja bem, essa é a noção de conhecimento. A crença carece disso.

Você disse que essa distinção clara é algo que se eleva e se repete na vida após a morte? Não, não é como se a história tivesse dito: "Assim termina a divisão platônica entre conhecimento e crença, e nunca mais a veremos". Não, eu gostaria que fosse tão simples. Digamos que, a partir de Hume, há um enfraquecimento da linha divisória entre os dois.

Para que não se possa presumir que as pessoas estejam usando os termos no sentido completamente distinto que se encontra na tradição platônica. Não. Houve um desenvolvimento na epistemologia na década de 1960, em que definimos conhecimento como crença verdadeira justificada.

Portanto, o conhecimento é um subconjunto da crença. E desde as décadas de 60, 70 e 80, as pessoas têm se dedicado a estudar as condições de justificação. Em que condições se pode afirmar que se está justificado em acreditar que algo é verdadeiro? Isso se deve ao enfraquecimento da noção de conhecimento.

Certo, vamos ver, qual é a próxima? A priori e a posteriori. A posteriori. Sim, e você pode encontrar isso na sua leitura por volta das páginas 369 a 373, nessa região geral.

Já estamos familiarizados com os termos a priori e a posteriori simplesmente porque eles têm sido amplamente utilizados, não tanto pelos predecessores de Kant, mas sim por pessoas que falam sobre eles. Em Hume, a distinção era entre relações de ideias e questões de fato. E na tradição empirista subsequente, a distinção de Hume permanece bastante firme .

As relações entre ideias são simplesmente analíticas. Elas têm a forma simples de verdades lógicas, como  $A$  é igual a  $A$ ,  $A$  não é não- $A$ . Um solteiro é um homem não casado.

Gato é gato é gato. Onde você encontrou a identidade lógica? Ok, verdades lógicas. Relações de ideias.

Se você conhece as ideias, pode elaborar essas relações. Então ele considerava a matemática como pertencente ao campo das relações de ideias. Porque, partindo dos axiomas, você elabora relações entre axiomas, os corolários, ao demonstrar teoremas.

E todo esse conhecimento deriva de conceitos básicos inter-relacionados. Agora, as questões de fato são descritas de forma mais sintética. Ou seja, podem ser falsas.

Elas não são necessariamente verdadeiras. São verdades contingentes. Podem ser falsas.

E podem ser falsas porque o predicado adiciona algo que não está logicamente ligado ao sujeito. Bem, os solteiros são infelizes, sabe? Pode ser verdade, mas não há nenhuma conexão lógica entre os dois.

Então você tem aí, em torno das verdades sintéticas, o que às vezes é chamado de verdade factual, às vezes verdades materiais. Ou seja, elas têm um objeto. Então você tem essas duas.

E nesta última categoria, você teria todas as ciências. Ciências físicas, ciências da vida e ciências psicológicas seriam então chamadas de ciências mentais. Portanto, todas as ciências se encaixariam ali.

E, claro, a metafísica, que era considerada uma ciência. Foi Hume quem nos disse: não, não é. Não é ciência.

Porque não gera conhecimento. Mas antes de Hume, sim, era assim que se considerava. Agora, você pode ver a partir disso que as definições começam a aparecer.

Analítico, sim, o predicado está logicamente contido no sujeito. E a proposição apenas o desdobra. Necessariamente verdadeiro.

Entendeu? O predicado, aquilo que é predicado do sujeito, é logicamente parte do sujeito. Três mais cinco é igual a oito. Solteiros são homens não casados.

Nas proposições sintéticas, o predicado não está contido no sujeito, mas acrescenta-se a ele. O diferencial de Kant, contudo, reside em acrescentar a essa distinção a distinção entre a priori e a posteriori. O termo a posteriori é o mais fácil de compreender, significando simplesmente dependente da experiência.

Dependente da experiência. Posterior à experiência. E Kant, portanto, não hesitou em afirmar que existem proposições sintéticas a posteriori seguras.

Sim. Há coisas que dizemos que parecem basear-se simplesmente na experiência. Sintético a posteriori.

Da mesma forma, ele não estava dizendo nada de novo quando afirmou que temos proposições analíticas a priori. A priori significa, em termos mais simples, independente da experiência. E, obviamente, as relações analíticas de ideias são independentes da experiência.

Não é preciso contar nos dedos para entender que dois mais um é igual a três se você realmente compreender os conceitos de dois e um. É uma necessidade lógica. Portanto, nesses dois aspectos, não há problema.

O problema surge quando ele acrescenta a isso a noção de sintético. A priori, o que parece ser misturar maçãs com peras. Pêssegos com bananas.

Sintético a priori. Agora, para entendermos melhor o que ele está fazendo aqui, vamos compreender com mais precisão o que ele quer dizer com a priori. Creio que, na maioria dos nossos cursos introdutórios, nos contentamos com a afirmação de que a priori significa independente da experiência.

Mas Kant não se contentou com isso. Kant queria dizer que o conhecimento a priori seria universal e necessário. Universal e necessário.

Assim, as verdades a priori serão universalmente verdadeiras. Não apenas relativas a uma situação particular . Universalmente verdadeiras.

E necessariamente verdadeiras. Não poderiam ser falsas. Sim.

Porque não é apenas o analítico que é necessariamente verdadeiro, mas também o a priori. Portanto, você tem dois tipos de conhecimento a priori. Não apenas um.

Você tem o a priori analítico, como as tautologias. E você tem o a priori sintético, como a física. Talvez a metafísica.

Certamente, a matemática, que ele utiliza. Sim. Porque o sintético a priori para Kant envolve matemática, física, ciências naturais, ou seja, metafísica.

Fazer algo além de apenas falar sobre fenômenos. Matemática, física , metafísica . Sim.

E você verá que na Crítica da Razão Pura, ele aborda essas questões em três seções principais. Há uma primeira, que ele chama de estética transcendental, onde explica a base do conhecimento matemático.

Hã? Estética? Bom, espera aí. Mas não prenda a respiração. É.

Estética em alemão tem a ver com percepção sensorial. Com qualquer tipo de consciência. Certo.

Então, estética transcendental. Em seguida, vem a analítica transcendental . Esta o introduz ao conhecimento da física e aos princípios da física.

E então a dialética transcendental. Onde ele analisa , sim, a metafísica. E é a dialética transcendental que tem essas três partes.

Lidar com a psicologia racional ou filosófica. Cosmologia racional ou filosófica. Teologia racional ou filosófica.

Você pode conferir isso no sumário, que nosso editor nos fornece. Muito útil na página 366. Percebe ? Dê uma olhada .

No volume 366, ele apresenta a primeira parte, estética transcendental. A segunda parte, lógica transcendental. A primeira divisão, analítica transcendental.

Segunda divisão, dialética transcendental. Bem, o argumento dele é que possuímos conhecimento racional. Universal e necessário.

Ou a questão é se realmente possuímos conhecimento universal e necessário, a priori. Isso é sintético.

Ou seja, isso amplia o significado dos termos. É possível ter conhecimento factual, conhecimento de fatos concretos, a priori? Essa é a questão. Bem, não era esse o objetivo dele, questionar isso? É possível a metafísica com base em princípios a priori? A metafísica envolveria conhecimento sintético, conhecimento de fatos sobre a realidade.

Então, este é o tipo de aparato conceitual que ele está desenvolvendo com isso em mente. Agora, para detalhar um pouco mais, veja a página 369. 369.

No topo da segunda coluna. Aqueles que não trouxeram a antologia precisarão dela ao longo de toda a obra de Kant. E para sempre depois disso.

369, a segunda coluna no topo. Minha pergunta é: o que podemos esperar alcançar com a razão quando todo o material e a assistência da experiência são retirados? Independentemente da experiência, o que podemos alcançar? Conhecimento a priori. Então, na metade dessa coluna, ele diz que há duas exigências essenciais dirigidas a um autor que se aventura nessa empreitada.

Primeiro, no que diz respeito à certeza. E na metade desse parágrafo, ele diz: todo tipo de conhecimento que se declara certo, a priori, proclama que deve ser tomado como absolutamente necessário . Absolutamente necessário.

Conhecimento puro, a priori, que é a medida de toda certeza filosófica apodítica. Apodítica? Sim, comprovada, demonstrável. Logicamente necessária.

E na página 371, bem no final da segunda coluna, estão as verdades gerais que têm o caráter de necessidade intrínseca, devem ser independentes da experiência, claras e certas por si mesmas. Por isso, são chamadas de conhecimento a priori. Mas observe que ele as chama de verdades gerais.

Veja bem, elas têm a forma logicamente universal. Todas. Não apenas algumas, não apenas locais, mas todas.

Tão universal e necessário, um critério está envolvido no a priori. E no início do parágrafo 372, na metade daquele primeiro parágrafo, bem, seis linhas depois, mesmo que removamos da experiência tudo o que pertence aos sentidos, permanecem certos conceitos e juízos originais derivados deles, que devem ter tido sua origem inteiramente a priori, independentes de toda experiência. Portanto, é bastante evidente o que ele busca.

E no topo da página 373, primeira coluna, ele apresenta uma ilustração matemática, e deixo para vocês explorarem com ela. A expressão "sintético a priori" é introduzida na página 374. "Sintético a priori", página 374, segunda coluna, topo.

Em juízos sintéticos a priori, falta auxílio empírico. Se eu quiser ir além do conceito A para encontrar outro conceito B, onde posso me apoiar e por meio do qual uma síntese entre A e B se torne possível? Considerando que não posso contar com a vantagem de observar o campo da experiência. Tomemos a proposição, e aqui está a crucial de Hume, a proposição de que tudo o que acontece tem sua causa.

Veja só. No conceito de algo que acontece, sem dúvida concebo algo existente precedido pelo tempo, e a partir disso, certos juízos analíticos podem ser deduzidos, mas o conceito de causa está fora disso. Sem dúvida, tenho a ideia de algo precedente.

Claro, conjunções. Regularidades. Conjunções constantes.

Sim, ele concorda com Hume, isso nós temos. Certo. Mas não temos o conceito de causa e efeito.

E isso indica algo diferente do que simplesmente acontece, e não está contido na representação do que acontece. Então, que tal a relação de causa e efeito? Ok. Alguma pergunta, comentário? Ok.

Método transcendental. E você percebe que, nesse contexto, o termo transcendental é usado várias vezes. Eu chamo de conhecimento transcendental, diz ele na página 375, aquele que não se ocupa de objetos, mas de conceitos a priori.

E essa é uma definição bastante boa. Não confunda transcendental com transcendente. Agora, se você pensar como um teólogo pensa, a palavra transcendental imediatamente evoca a ideia de um deus em algum lugar externo.

Um deus que transcende esta criação e age como se viesse de fora dela. Transcendente. O termo transcendental não significa nada disso.

Agora, se você pensar não como um teólogo, mas como alguém da literatura americana, estará familiarizado com o termo transcendentalismo. Onde o termo transcendental não se refere a algo externo, mas a algo aqui dentro, aqui embaixo, ao redor e que permeia tudo. Veja bem, o transcendentalismo americano era a visão de que o espírito humano é um poder criativo e expressivo, mas não se limita a mim.

É o espírito criativo que permeia todas as coisas, que opera dentro e através do meu espírito criativo. Uma espécie de panteísmo. E que toda alma, mente e espírito humano participa desse espírito do mundo.

Você encontra isso em Emerson. Transcendentalismo. O transcendentalismo foi a versão americana do romantismo alemão no século XIX, com sua tendência panteísta ou panenteísta.

Aliás, não teria havido transcendentalismo ou romantismo sem Kant. Ele é a transição filosófica que tornou isso possível. Ele cunhou o termo antes deles.

Eles simplesmente roubaram. Bem, pegaram emprestado. Se aproveitaram disso.

Mas veja bem, se você tiver a noção de transcendentalismo, poderá retornar à semente dessa ideia no que Kant está abordando. Ele está falando sobre os recursos internos do espírito humano. Os recursos internos da mente humana.

O que a razão traz a priori para a busca do conhecimento? E o método transcendental é o método para acessar esses recursos internos que a mente humana possui. É por isso que digo para esquecermos, por um momento, a noção de transcendente. Não é lá fora, mas aqui dentro que o transcendental se concentra.

Então, se dissermos que a filosofia crítica é uma tentativa de criticar a tradição perguntando quais são os recursos que a mente traz a priori, então obviamente o método transcendental é o método desejado. O método para acessar esses recursos internos. Existem certos pressupostos universais que todo ser humano traz para a busca do conhecimento? Veja bem, esse é o tipo de pergunta que ele está fazendo.

Exceto que a pressuposição parece implicar alguma teoria, alguma proposição, algo mais do que aquilo em que Kant está pensando, que é um conceito. Existem conceitos universais? Agora, dito isso, cuidado. Porque ele não está falando daquilo que aprendemos a considerar desde Platão como ideias inatas.

Uma ideia inata é uma ideia pré-formada que já está na sua mente e da qual você consegue se lembrar. Ou, na linguagem de Descartes, uma ideia inata é algo autoevidente, que surge na mente de forma clara e distinta. É como uma ideia pré-fabricada que você já possui.

Mas o tipo de conceito a priori que Kant busca não é um conceito plenamente desenvolvido. Não é uma ideia clara. Não é algo autoevidente.

É mais como um projeto. Ou melhor, como uma estrutura para o seu raciocínio. É mais como uma grade através da qual você vai filtrar o que vier à mente.

Ou um molde no qual você vai despejar a experiência. Bem, minha ilustração usual disso, como alguns de vocês já devem ter ouvido, é a de uma forma de gelo com aquelas divisórias práticas. Você despeja a água e, veja só, depois de um tempo, saem cubinhos bonitos e perfeitos.

Você consegue controlar isso. É meio difícil segurar a água na mão. Jay Woods, eu acho, é de uma massa de modelar maluca.

Platão. É, uma coisa do Platão em que você espreme o Platão através do objeto, formando vários animais bonitos. Formas de animais.

Bem, você pode pensar nisso como uma seringa de biscoitos fazendo biscoitos de Natal, espremendo o recheio pelos bicos e saindo biscoitos em formato de estrela e outras coisinhas bonitas. Não, é uma estrutura a priori. Uma estruturação.

Uma estrutura. Sim. Mude a metáfora.

É como se tivéssemos uma lente a priori que focaliza as coisas. Sim, você tem razão. Lente.

Quando faço a barba de manhã, tiro os óculos porque embaçam. Mas quando vou aparar os pelos logo abaixo das costeletas, tenho que colocá-los de volta porque não consigo enxergar o que estou fazendo. Sabe, o resto eu consigo fazer tudo pelo tato.

Mas ser meio cego como um morcego é ser completamente cego. Sem os óculos, sabe, eu tenho que me divertir. Bem, você não consegue saber ou pensar sem as lentes.

Sabe o que eu quero dizer? É o tipo de coisa que você não consegue ver. Todo mundo usa a mesma lente. Vá até a loja de ótica e compre seus óculos.

Não, você não precisa. Você já vem com isso, construa. Entende o que eu quero dizer? É essa estrutura a priori que ele está tentando descobrir com o método transcendental.

Usamos terminologia diferente. Ao falar sobre relações de ideias e fatos, distinguimos entre verdades formais e verdades factuais. Formal, simplesmente, possui a forma lógica de...

Bem, para Kant, a priori são apenas princípios formais que dão forma racional às coisas, e não conceitos factuais que nos informam sobre as coisas. Portanto, os conceitos a priori, por si só, não nos dizem nada.

Elas não afirmam nada. São apenas princípios formais que te ajudam, que automaticamente parecem ordenar e estruturar seu pensamento de certas maneiras. E causa e efeito será um desses princípios.

Como eu disse, existem outros onze. Muito bem, revolução copernicana. Sim, Kant nos diz que isso representa uma nova revolução copernicana.

Agora você já conhece o primeiro: Copérnico. Quem mudou nossa forma de pensar sobre o universo, do geocêntrico para o heliocêntrico?

Da Terra no centro para o Sol no centro. Antes, olhávamos para o centro de tudo o que pesquisávamos, a partir da nossa posição atual. Agora, graças a Copérnico, estamos posicionados na periferia, em algum lugar distante.

Somos colocados em nosso devido lugar. Não exatamente marginalizados, mas de certa forma reconhecemos nosso lugar e percebemos que não estamos no centro das atenções.

Entende ? Em outras palavras, o ângulo de visão, de onde partimos, a perspectiva, é diferente. Ora, filosoficamente, a perspectiva, o ângulo de visão ao pensar sobre as coisas no Iluminismo, era o de uma objetividade absoluta. A objetividade de toda percepção e conhecimento.

Às vezes, isso é chamado, como John Dewey o chama, de teoria do espectador. O conhecimento é um esporte para espectadores. Você é um observador, não um participante.

Você não contribui para isso. Você é apenas um receptor. Mas a Revolução Copernicana, a nova Revolução Copernicana, introduz a subjetividade.

Subjetividade no sentido de que o sujeito humano contribui. Não é tudo subjetivo. Não, mas o sujeito humano contribui com as estruturas formais.

Os conceitos a priori. Entende ? Então, nesse sentido, o mundo que conhecemos é o mundo como o moldamos. Sim.

O mundo dos mecanismos de causa e efeito, com as conexões e forças necessárias em ação, é o mundo que concebemos . Se ele é ou não como é na realidade, é uma

questão à parte. Agora, a Revolução Copernicana, de alcance muito amplo, teve como resultado para Kant a sua distinção entre fenômenos e númenos.

Porque se o que conhecemos é o mundo que estruturamos dessa forma, então é apenas a maneira como ele nos aparece. O que eu conheço é o que me aparece como é. Os fenômenos.

O fenômeno, que em sua terminologia alemã é o Ding für mich , a coisa para mim. Enquanto o nômeno, a realidade das coisas, é o Ding an sich , a coisa em si . E como nossa subjetividade estrutura o mundo de uma certa maneira, então o que sabemos, se é que sabemos alguma coisa, sabemos através dessa grade, através dessa lente.

Entende ? Nós só conhecemos fenômenos, não númenos. É por isso que a conclusão dele é negativa em relação ao conhecimento metafísico. As próprias condições que tornam o pensamento possível.

Uma condição prévia subjetiva. Ora, é claro, o que Leibniz e outros discutiam era a harmonia preestabelecida. E se por acaso as estruturas que estruturam nosso pensamento também estruturam o mundo, então teremos o monopólio da realidade.

Entende ? Uma das maneiras pelas quais algumas pessoas tentaram lidar com Kant foi concordar que existem conceitos a priori, mas sustentar que eles de fato estruturam a realidade. E assim, teríamos conhecimento metafísico e poderíamos fazer teologia natural, e assim por diante. O problema é que, embora Kant considerasse essas estruturas a priori como universalmente iguais para todos os seres humanos, não se chega muito longe no século XIX sem que elas sejam relativizadas culturalmente .

Foi isso que Max Weber fez. Entende ? E outros também. De modo que, se as estruturas a priori se tornarem relativas ao contexto cultural, então todo o conhecimento humano se torna relativizado.

Agora, inclino-me a pensar que existe uma terceira alternativa, ou seja, que as estruturas a priori não são logicamente necessárias, mas sim desenvolvidas cultural e historicamente, testadas e comprovadas ao longo da história e na experiência humana, de modo que se justificaram pragmaticamente. Entende ? E você tem uma crença justificável de que as coisas são como são. E isso permite todas as revoluções copernicanas, todas as revoluções científicas de que pessoas como Thomas Kuhn falam.

Mudanças de paradigma, que são uma alteração da grade a priori. Mas você pode ver aonde Kant quer chegar aqui. Ok, talvez devêssemos parar por aqui.

Vou retomar este ponto na próxima vez. Gostaria de dizer mais uma coisa a título de introdução, e será uma boa maneira de começar, ou seja, sobre o impacto histórico disso em Kant. O impacto histórico.

E isso nos reconectará com o que estávamos dizendo hoje antes de prosseguirmos. Certo.